

Lasswell: quem, o quê e para quem?

Quem foi, de fato, esse norte-americano que começou sua carreira na Economia, migrou para a Ciência Política, passou pela Psicologia e pela Comunicação e terminou seus dias no Direito?

Por Anna Cristina de Araújo Rodrigues¹



Foto: Leandro Viana

¹Repórter especial – Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Brasília.

Tudo começou com as aulas de Teorias da Comunicação, na Universidade Católica de Brasília, em que a professora Rafiza Varão percebia que os livros disponíveis traziam muito pouco sobre Lasswell – basicamente, o famoso esquema – **QUEM - DIZ O QUÊ - ATRAVÉS DE QUE CANAL - COM QUE EFEITO** – e classificações desencontradas de sua teoria. Foi a partir daí que Rafiza Varão preparou seu projeto de doutorado, escolheu a universidade – Universidade de Brasília – e o orientador – Luís Martino – e lançou-se à aventura de ler tudo que encontrasse em português, inglês, francês e espanhol sobre Harold Dwight Lasswell. Sua grande questão era: se Lasswell é considerado um clássico da pesquisa em Comunicação, um fundador da área, por que é tão pouco estudado e menos ainda conhecido? A partir daí, muitas foram as perguntas que surgiam para a pesquisadora: será que esse fenômeno é restrito

à bibliografia em português? Quem foi, de fato, esse norte-americano que começou sua carreira na Economia, migrou para a Ciência Política, passou pela Psicologia e pela Comunicação e terminou seus dias no Direito? Rafiza Varão tomou, assim, a vida e a obra do professor de Yale como objeto de pesquisa para sua tese de doutorado, a ser defendida em outubro de 2012, na Universidade de Brasília.

AC – Rafiza, o que a levou a pesquisar a obra de Lasswell?

RV – Faz mais ou menos dez anos que dou aula de Teorias da Comunicação. Uns dois ou três anos depois de ter começado a dar esse curso, comecei a ver lacunas muito grandes nos livros de Teorias da Comunicação em referência aos principais autores da área. As pessoas dizem: “Esse é um autor importante, esse é um autor que fundou o curso, fundou a área da

Comunicação.” Mas sabe-se muito pouco sobre eles. Não há, por exemplo, nenhum estudo aprofundando sobre Lasswell como também não há convergência entre o que as pessoas falam sobre ele. Ora ele é hipodérmico, ora é funcionalista, ora ajudou a criar o campo da Comunicação, ora foi um simples ingênuo que não fez muita coisa. Isso me intrigava muito e foi daí que me propus estudar a obra dele para saber quais foram, de fato, suas contribuições no campo da Comunicação.

AC – E por que a senhora acha que ele é tão pouco pesquisado?

RV – Acho que não temos tradição de pesquisa sobre a própria área. Como a comunicação é um fenômeno muito corrente, que está em todos os lugares e envolve todas as atividades humanas, acabamos querendo saber como é que essas

atividades de comunicação acontecem, quais são as representações que estão nessas atividades, mas não pensamos exatamente sobre teoria da comunicação. Então, esses autores da teoria, com exceção, talvez, de Lazarsfeld, acabam sendo muito negligenciados, porque nós os colocamos no rol dos autores de Teoria da Comunicação, mas não os estudamos de verdade. Temos sempre um panorama, mas um panorama muito superficial do que esses autores teriam feito.

AC – Qual foi o método que a senhora utilizou na pesquisa?

RV – Como a pesquisa ainda não se encerrou, estou analisando a obra do Lasswell de uma maneira mais livre para não ter de dizer que estou seguindo a análise de discurso ou a análise de conteúdo. É algo mais próximo da análise de conteúdo, mas é um método híbrido. Usei muito a análise de conteúdo no

início do trabalho para saber o seguinte: aquilo que eu acho sobre as obras de teoria da comunicação está correto? Eu queria ver se aquilo que a princípio era intuitivo era mesmo verdade, quer dizer, as obras de teoria da comunicação têm um clichê para falar de Lasswell, mas não há nenhum estudo aprofundado sobre ele. Então, fui pesquisar em quatro universos: a língua portuguesa, a língua inglesa, a língua francesa e a língua espanhola. Isso abriu muito a quantidade de obras de teoria da comunicação. Só em língua inglesa, trabalhei com mais de 80 obras. E foi comprovado realmente que ou se fala da fundação do campo ou se fala do esquema de Lasswell, mas também de maneira superficial, e não há nada aprofundado. Nessa parte, usei bastante análise de conteúdo.

AC – E as fontes?

RV – Em sua maioria, são fontes históricas. Eu lido com esses livros de teoria, mas fui às obras de Lasswell. Inclusive, cheguei a visitar seu arquivo de manuscritos para verificar o que havia lá que poderia mudar nossa visão sobre Lasswell. Cheguei a entrevistar algumas pessoas que trabalharam com ele, mas em grande parte elas não reconhecem a ligação de Lasswell com a Comunicação. Essas pessoas que ainda estão vivas ligam Lasswell ao Direito, que é a área em que ele ficou o resto da vida depois que saiu da Comunicação. Cheguei a entrevistar alguns historiadores da Teoria da Comunicação e o interessante é que, ao entrevistá-los, descobri que eles também não têm dados, eles também não sabem responder por que Lasswell foi importante. Um desses historiadores é o Jefferson Pooley, que é americano, outro é o Buxton, que é canadense. Fui conversar com o Pooley e ele me disse:

“Engraçado, só agora que você falou é que me dei conta de que a gente não tem esse material.” E foi ele que me sugeriu ir aos EUA para pesquisar os arquivos do Lasswell. Antes de falar com Pooley, falei com o Katz, que fez um livro com Lazarsfeld e ainda está vivo – já está bem velhinho, aliás. E ele me disse: “A melhor pessoa para você entrevistar hoje é o Pooley.” E aí eu fui procurar o Pooley. E ele próprio me disse: “Muito difícil você conseguir alguém que vá te dizer a importância do Lasswell para a Comunicação, porque o que temos é o que você também tem: esquema de Lasswell, fundação do campo, trabalho na Segunda Guerra e por aí vai.”

AC – A pesquisa confirmou sua hipótese de que Laswell é pouco estudado?

RV – A pesquisa ainda não está concluída, mas já tenho muitos resultados. Um deles é a confirmação

de que os nossos livros de Teoria da Comunicação colocam o Lasswell como autor importante, mas não aprofundam. Não sabemos, de fato, muita coisa sobre ele. Outra coisa importante já observada: Lasswell tem textos em que revisita o esquema. Isso nunca é tratado. São textos posteriores inclusive à saída dele do campo da Comunicação, como as pessoas acreditam. Lasswell morreu em 1978 e tem textos sobre comunicação até 1978. Então, ele continuou trabalhando com Comunicação.

AC – E sobre a “disputa” entre Laswell e Lazarsfeld, foi possível apurar alguma novidade?

Sim, há uma história que envolve o livro do Lazarsfeld, o *Influência pessoal*, porque o Lazarsfeld vai ser o primeiro a fazer uma oposição a Laswell. É muito interessante pegar o livro do Lazarsfeld porque ele começa com o esquema de Lasswell para dizer: “Olha,

isso aqui, que veio antes da minha obra, representa o passado da pesquisa em teoria da comunicação. Agora, vamos propor outra forma de se fazer a pesquisa. Uma forma que leve em consideração a sociedade, que leve em consideração os grupos sociais.” Isso foi na década de 1950. Acontece que, na primeira obra do Lasswell, *Técnica de propaganda na Guerra Mundial*, ele já fala que não é possível fazer pesquisa sem levar em conta o contexto social. Então, existe uma história em torno de Lazarsfeld de pesquisador carreirista, que não sei se é real, mas é o que os historiadores da Teoria da Comunicação colocam. Em seu livro, ele sistematiza essa primeira parte como se fizesse a primeira história das teorias da comunicação, mas ao mesmo tempo desvaloriza essa parte, porque vai dizer: “Isso aqui é o que a gente deve fazer daqui para frente, levando em conta o contexto social.” Só que esse contexto social já estava presente nos autores

anteriores. Na pesquisa do fluxo de dois passos, ele apresenta isso como se fosse uma novidade no campo da Comunicação, mas a ideia de que é preciso levar em consideração o contexto social é anterior. Talvez, o que os pesquisadores não tivessem na época era uma forma de levar em consideração esse contexto social de maneira eficaz, mas a ideia está presente antes. A teoria hipodérmica, por exemplo, muitos autores dizem que nunca existiu, que é uma invenção do Lazarsfeld para fazer justamente essa contraposição.

AC – Os livros de Teorias da Comunicação se referem à tradição americana e à tradição europeia na pesquisa da Comunicação. O que isso tem a ver com o surgimento do contexto social na pesquisa em comunicação?

RV – Os EUA têm todo um plano de construção da identidade nacional. Na época, eles estavam saindo de uma guerra de secessão. Um dos pontos da construção

dessa identidade nacional é o fortalecimento do ensino, que tem que ser um ensino americano, que vai passar os valores americanos. Nessa primeira parte da pesquisa americana, os pesquisadores afirmam que estão de acordo com os valores americanos. Mas onde esses camaradas dos EUA vão estudar? Na Europa. E voltam para os EUA para lecionar. Então, essa divisão, na verdade, é bastante artificial. A teoria hipodérmica, por exemplo, grande parte da ideologia que a compõe é a mesma da teoria crítica, que vê os meios de comunicação como uma forma de alienar as massas. Isso prova que temos uma visão muito superficial do que foi esse início, que foi bastante confuso, como é hoje o início da pesquisa sobre internet. Esses caras todos estão no meio do furacão. Como é possível ter uma visão distanciada? Ao mesmo tempo, por mais que exista essa ideia de que Lazarsfeld é mais organizado, é o Lasswell que vai organizar realmente

essa pesquisa quando propõe o modelo das perguntas. Nos arquivos do Escritório de Informação da Guerra, é possível ver que os formulários vêm com o esquema. Há um manual para identificar quem é o “quem” – e há 100 páginas de possíveis “quens” da comunicação. Então, tudo vai ser organizado em torno daquilo que Lasswell está propondo.

AC – É verdade que Laswell propôs a mudança de foco da pesquisa, de propaganda para a comunicação?

RV – Sim, ele é um dos responsáveis por mudar o foco da propaganda para um foco mais amplo, que é o foco da comunicação. A Alemanha, por exemplo, onde vai se dar o desenvolvimento dos trabalhos de comunicação de verdade, os trabalhos estão focados em quê? Em jornalismo. De repente, muda para propaganda. Onde? Nos EUA. Por quê? Porque se acredita que a propaganda é o principal

meio de se atingir o cidadão. Quando chega a Segunda Guerra Mundial, o foco muda de propaganda – embora continue a se pesquisar propaganda – para comunicação. Por quê? Porque essa é uma forma também de dissociar o trabalho que os inimigos fazem do trabalho que os americanos fazem. O trabalho que os americanos fazem é um trabalho de comunicação. O trabalho que os inimigos fazem é um trabalho de propaganda, que serve também para alienar, mentir, manipular indivíduos.

AC – E quando ele propõe essa mudança?

RV – Isso Lasswell vai propor no seminário do Roosevelt, o Seminário de Comunicação. Ele vai dizer assim: “Vamos mudar o nome para Comunicação?” E é ele que faz o projeto todo do Escritório de Guerra para essa análise de comunicações. É um material muito organizado, surpreendentemente

metódico – para nós, que estamos mais acostumados com a pesquisa brasileira, que não tem tanto acesso também a esse passado das teorias da comunicação, os caras foram muito responsáveis. Eles acreditavam que tudo aquilo que faziam era ciência. É tudo muito matemático. Eles trabalharam muito com análise de conteúdo, com categorizar, classificar, produzir muitos gráficos, muitas planilhas. Levaram aquilo muito a sério. Por mais que hoje exista preconceito contra a pesquisa americana, eles levaram aquilo muito a sério. Não só como forma de favorecer o governo, mas eles tinham uma vocação científica muito grande, até mesmo porque eles não vêm exatamente das ciências humanas. Eles vêm da área de exatas – muitos deles.

AC – Qual foi a trajetória do Lasswell?

RV – Primeiro, ele se forma em Economia, depois vai fazer Ciência Política. E por que ele migra da

.....
**“Estou cansado de importunar meus
 amigos, importunar pessoas impor-
 tantes, para provar que eu não sou
 comunista.”**

Economia para a Ciência Política? Pelo mesmo motivo que muita gente hoje fala mal da Comunicação. Ele diz assim: “A Economia não tem uma base teórica forte, então eu vou para a Ciência Política porque lá eu consigo trabalhar melhor.” Ele vai explicar isso numa carta aos pais dele, onde ele diz: “Economia não vai dar certo mais para mim porque não consigo trabalhar teoricamente na Economia.” Eu li essa carta. E aí ele migra para a Ciência Política.

AC – Onde estão todos esses materiais que a senhora pesquisou: cartas, manuscritos, fotos, etc.?

RV – Estão em Yale. Lasswell começa na Universidade de Chicago, depois passa um tempo em

Nova Iorque, depois vai para Washington. Inclusive, nessa ida para Washington, acontece um acidente em que descobrem papéis do Marx nas coisas do Lasswell e aí ele vai ter que ficar o resto da vida explicando e fornecendo relatório ao FBI para dizer que não é comunista. E muita gente vai ter que fazer um relatório para ele também, até que, perto da morte, ele escreve uma carta e diz: “Estou cansado de importunar meus amigos, importunar pessoas importantes para dizerem que eu não sou comunista.”

Esse documento foi datilografado e está na minha tese também. Bom, depois ele vai para Yale para dar aula no curso de Direito. Inclusive, ele tem doutorado em Direito também – *honoris causa* – mas tem doutorado em Direito e Letras. Isso além do doutorado em Ciência Política. Ele fica em Yale muito tempo, depois vai para Nova Iorque, onde morre, em 1978. Um dos principais livros que eu usei é de um

sujeito que trabalhou com ele durante essa fase em Nova Iorque e que está vivo. É o Rodney Muth. O Muth passou dez anos organizando uma bibliografia sem a qual, possivelmente, eu não teria avançado tanto. Foi muita coisa o que o Lasswell escreveu.

AC – Segundo Mauro Wolf, em seu livro *Teorias da Comunicação, o final dos anos 1970 – portanto, justamente a época em que Lasswell morre – foi o período de virada da pesquisa em comunicação. Lasswell teve alguma participação nessa virada?*

RV – Não. Nenhuma. Nessa época, ele já estava “desmoralizado” frente aos outros pesquisadores em Comunicação. Ele já não tinha mais o *status* que tinha graças a mudanças nos paradigmas de pesquisa, graças a uma desvalorização, na área de ciências sociais, do quantitativo – e o Lasswell é um defensor da pesquisa quantitativa. Embora, também, ao contrário do que muita gente pensa, essa pesquisa quantitativa não

valha só pelos números. Não são os números que vão dizer: “Isso é a realidade.” Então, em 1978, Lasswell já não é quase nada para a Comunicação, a não ser um autor que está no passado, um autor que ajudou a formar o campo da Comunicação, mas não tem nada mais a contribuir. E aí também eu acho bastante estranho, porque ignoramos esses sujeitos e ficamos mais focados nos fenômenos, esquecendo que a ciência é feita de teoria.

AC – Qual é, afinal, a grande contribuição de Lasswell?

RV – A grande contribuição de Lasswell é justamente começar a desenvolver o corpo teórico, começar a pensar no desenvolvimento de uma ciência da Comunicação. Enquanto muitos estão pensando na comunicação como algo importante, mas que não tem um lugar definido, Lasswell está pensando em um lugar para essa comunicação, tanto que ele tem

um texto chamado “Comunicação como disciplina”. Ele está pensando nisso e desde o começo: como é que esse negócio – o grande fenômeno que estamos estudando no século XX e vamos continuar estudando no século XXI – pode se organizar em termos de ciência? Como é que vamos sair de um simples achismo sobre a comunicação para conseguir oferecer dados mais concretos sobre a comunicação? Ele afirma, nesse texto, que a comunicação tem que existir como campo de pesquisa à parte, que tem que desenvolver seus próprios métodos porque o objeto não é comum aos outros campos. Parece comum, mas não é, porque a visão de um comunicador sobre a comunicação tem que ser diferente. Nesse texto, ele já não volta mais ao esquema, já não está nem mais falando no esquema dele.

AC – E qual é a importância do esquema para as teorias?

RV – Eu penso que se pode criticar o esquema, mas então me mostrem outro, me digam em que outra instância podemos trabalhar com comunicação. Muita gente afirma que o modelo é linear, que não inclui a resposta do receptor. Mas será que esse modelo de que Lasswell está falando não serve para a comunicação de massa? Parece-me que sim. Qual é a possibilidade de o receptor interferir no conteúdo do jornal? Hoje, talvez, seja até mais possível, mas como é que se faz para que o William Bonner saiba aquilo que o telespectador está pensando e coloque no jornal? Continua sendo assim: o William Bonner decide o que vai entrar no jornal mesmo que o telespectador possa entrar em contato com ele por um outro meio que não a televisão. Esse telespectador vai precisar ir ao computador para entrar em contato com a televisão

e chegar ao emissor que está lá. Então, continua me parecendo bastante adequado, mas o objetivo do meu trabalho não é sequer dizer isso. Meu objetivo é dar a conhecer esse pesquisador que, para nós, é um desconhecido. O objetivo não é aplicar a teoria de Lasswell, mas dizer quem é esse sujeito, que mais ele pode oferecer além do esquema ou o que ele pode nos oferecer ainda por meio do esquema. Enfim, o objetivo principal é saber por que desconhecemos os nossos clássicos e por que desconhecemos um sujeito que nós afirmamos ser um dos fundadores do campo da Comunicação.

AC — A senhora leu biografias dele, tomou conhecimento de detalhes da vida dele?

RV — Sim, li. Lasswell foi um pesquisador muito discreto. Então, não se sabe muito da vida particular. Mas sabe-se que ele nunca se casou, não teve filhos, viajava muito e produzia muito. Algumas biografias

dizem que ele não era muito querido, mas outras dizem que sim, e as fotografias dele lá no arquivo em Yale comprovam que ele tem muitos afilhados. Então, isso talvez denote que ele era muito querido. Dizem que ele era um professor rigorosíssimo, que não tinha paciência com os alunos, que exigia o

“Por que desconhecemos um sujeito que nós afirmamos ser um dos fundadores do campo da comunicação?”

máximo dos alunos, mas é muito pouco o que se sabe sobre ele mesmo. Parece que ele teve um irmão mais velho, que faleceu ainda criança, mas nos arquivos eu encontrei uma bíblia onde há espaço para anotar nascimento e morte das pessoas da família, e não tem nenhuma referência ao irmão. E uma coisa bastante interessante também é que a mãe morre no mesmo ano em que o pai. Nessa época, ele já era adulto, devia ter uns 30 e poucos anos. Mas são poucas as

biografias. Eu encontrei boas biografias – seis –, mas uma só é livro. O resto são textos. Parece que não chega a ser uma vida pessoal muito interessante, mas imagino que tenha sido sim, porque uma pessoa que mora um tempo na China e que só na infância mora em 16 cidades diferentes – o pai dele era pastor –, um menino que ganha bolsa aos 16 anos para estudar na Universidade de Chicago... acho que não deve ter sido das mais desinteressantes. Mas não se encontram esses relatos. Lembro que, quando fui ao arquivo, uma senhora que fica lá e que o conheceu me disse: “A gente conhecia ele porque todo mundo conhecia ele. Ele era muito famoso. Mas eu não tinha acesso direto a ele. Ninguém sabia exatamente da sua vida pessoal.” A biografia feita pela orientanda dele diz que ele era um boêmio, por exemplo. Ao mesmo tempo em que tinha uma consciência muito puritana, era um boêmio.

